

## EDITORIAL

A proposta desse editorial é discutir e vislumbrar as possibilidades de intersecção de pesquisas, na economia doméstica, envolvendo a temática religião, sob a qual tenho dedicado atenção nos últimos anos, e estudos da área de família. Para isso, parte-se da premissa de que, como um valor cultural, a religião e toda a dinâmica que esta envolve, constitui aspecto, que, direta ou indiretamente, afeta o cotidiano de indivíduos, famílias e grupos.

A religião tem sido apontada como uma variável importante na tomada de decisão em diversos âmbitos da vida dos indivíduos, influenciando, portanto, o comportamento das famílias e grupos em seus distintos elementos. Essa influência daria-se por meio de princípios de moral, ensinamentos, normas, modelos de comportamento e mecanismos de coação adotados<sup>1</sup>.

Os efeitos da religião são percebidos em todo o ciclo de vida dos indivíduos e envolvem diferentes temáticas. Vou limitar a mostrar aqui sua relação com o processo de formação das famílias.

De diferentes formas, a religião tem uma forte relação com o início da vida sexual dos indivíduos, em que, tanto a afiliação à alguma religião quanto a alta frequência à cerimônias e cultos religiosos estão relacionados com a menor iniciação sexual pré-marital. Além disso, a filiação religiosa ainda influencia a opinião do jovem a respeito do sexo pré-marital ou na adolescência<sup>2</sup>.

Consequentemente, essas orientações e supervisões sobre o início e a condução do namoro dos jovens nas igrejas evangélicas influenciam, de forma mais intensa, suas escolhas sobre a idade à união, frequentemente em idade mais jovens que os católicos e sem religião. A religião católica e a evangélica parecem influenciar também o tipo de união escolhido pelos casais, em que os evangélicos priorizam a união formal em detrimento da consensual. Há indícios ainda que o processo de escolha do cônjuge é,

---

<sup>1</sup> VERONA, A. P. A. (2011), "Explanations for religious influence on adolescent sexual behavior in Brazil: direct and indirect effects". **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 28, n. 1, p. 187-201.

<sup>2</sup> COUTINHO, R. Z.; MIRANDA-RIBEIRO, P. (2014), "Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude". **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 31, n.2, p. 333-365.

muitas vezes, interferido pela religião evangélica, que parece priorizar mais a endogamia religiosa que os demais grupos<sup>3</sup>.

Seguindo o ciclo de vida, as decisões sobre o planejamento familiar, especialmente, sobre o uso e o tipo de método contraceptivo a ser adotado sofre efeitos dos fatores religiosos. Mulheres evangélicas e de elevada frequência religiosa tendem a utilizar menos contracepção e, quando o fazem, apresentam maiores percentuais de esterilização se comparado às católicas e sem religião<sup>4</sup>.

A influência da religião dos indivíduos também é percebida no nível e padrão da fecundidade, ou seja, no número de filhos que as mulheres vêm a ter e no momento em que esses se dão. As católicas possuem um menor número de filhos em média e os têm mais tardiamente que as evangélicas. Esses aspectos ainda podem divergir de acordo com o fato das mulheres possuírem a mesma religião ou não ao longo da vida e o tipo de participação que se tem nas atividades da igreja<sup>5</sup>.

Outro aspecto importante é que as religiões podem interferir nas percepções sobre igualdade de gênero entre homens e mulheres e na construção das suas identidades pessoais. Com isso, influenciaria diretamente as relações de gênero dentro das famílias. Muitas vezes, o conservadorismo religioso, de algumas seitas, expõe as mulheres que vivem sob esse sistema à normas, atitudes e relações conjugais mais tradicionais e, de certa forma, menos autônomas. Esse menor empoderamento teria consequências diretas sob a tomada de decisão sobre métodos contraceptivos e ter filhos, em que os homens exerceriam maior controle<sup>6</sup>.

Paralelo à isso, o panorama das religiões no Brasil vem alterando-se drasticamente nas últimas décadas<sup>7</sup>. Apesar do país ser, desde o período colonial, predominantemente católico (64% em 2010), o percentual de fiéis evangélicos tem

---

<sup>3</sup> DA COSTA, I. G. D. (2016), "Padrão de formação familiar em diferentes grupos religiosos no Brasil". Tese (Doutorado em Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

<sup>4</sup> DA COSTA, I. G. D.; CARVALHO, A. A. (2015), "Uso de contracepção por mulheres de diferentes grupos religiosos: diferenças ou semelhanças?", **Horizonte**, v.12, nº. 36, p.1114-1139.

<sup>5</sup> CARVALHO, A. A.; VERONA, A. P. A. (2014), "Religião e fecundidade: uma análise do nível e padrão de fecundidade segundo grupos religiosos no Brasil em 2006", **Horizonte**, v. 12, nº. 36, p. 1086-1113.

<sup>6</sup> HAYFORD, S. R.; MORGAM, S.P. (2008), "Religiosity and Fertility in the United States: The Role of Fertility Intentions". **Soc Forces**. v. 86, n. 3, p. 1163–1188.

<sup>7</sup> ALMEIDA, R.; BARBOSA, R. (2015), "Transição religiosa no Brasil". In: ARRETCHE, M. (org.) **Trajelórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo, Editora Unesp, pp. 335-365.

crescido progressivamente, passando de 3% em 1940 para 22% em 2010. E, desse, grupo destaca-se o crescimento maior das igrejas pentecostais e neopentecostais<sup>89</sup>.

Essas mudanças levaram a um aumento do trânsito religioso (“circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas e metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposições de diversas pertencas religiosas”), da pluralidade religiosa (maior número de igrejas e religiões coexistindo) e daqueles não pertencentes à nenhuma religião. Assim, existiria, cada vez mais, diferentes formas das religiões incorporarem todas essas orientações e valores, levando, por consequência, os indivíduos a optarem por seguir, ignorar ou mesmo adequar os ensinamentos religiosos às suas necessidades imediatas. Tudo isso torna os impactos da religião nos diferentes âmbitos da vida dos indivíduos e famílias mais difíceis de serem percebidos ou mesmo estimados<sup>10</sup>.

Dado esse panorama, as discussões sobre o futuro da religiosidade dos brasileiros e o impacto dessa sobre as decisões individuais e familiares têm sido acirradas, no meio acadêmico. Isso porque, de maneira crescente, bancadas cristãs, especialmente evangélicas, ocupam espaços de representação política no país e, seus valores e condutas relativos à definição de famílias, matrimônio, direitos reprodutivos e sexuais têm sido utilizados para embasar projetos de leis e mudanças constitucionais relevantes.

Por fim, espero ter apresentado brevemente a importância e a atualidade desse campo de pesquisa, tema que cerceia indivíduos e famílias. Devido ter encontrado poucos estudos que explorem essas temáticas na perspectiva da economia doméstica, pretende-se, aqui, estimular a produção de pesquisas em que a religião seja investigada, nesse contexto. Acredito que a incorporação dessa temática aos trabalhos de estudantes e pesquisadores do programa de pós-graduação em economia doméstica pode fortalecer bastante tais discussões.

Angelita Alves de Carvalho

(Professora e Pesquisadora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ENCE/IBGE,  
doutora em Demografia pelo CEDEPLAR/UFMG)

---

<sup>8</sup> MAFRA, C. (2013), "Números e narrativas". **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 24, n.º.14, p. 13-25.

<sup>9</sup> MARIANO, R. (2013), “Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010”. **Debates do NER**, Porto Alegre: UFRGS, v. 14, p. 119-137.

<sup>10</sup> ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. (2001), “Trânsito religioso no Brasil”. **São Paulo Perspec**, v.15, n.º.3